



/ Crónica / Rui Cardoso Martins

# Construir uma catedral

« UM AMIGO MEU VEIO DE ITÁLIA HÁ DIAS, VEIO INTRIGADO COM AS EXCURSÕES DE CEGOS JAPONESES QUE VÃO VER — É A PALAVRA CERTA ENTRE OS CEGOS — OS PALÁCIOS DE ROMA, EM VISITAS GUIADAS QUE DURAM HORAS »

«A Alemanha declarou guerra à Rússia. Fui à piscina de tarde», escreveu Franz Kafka, no início de Agosto de 1914, talvez a mais curta e discutida entrada do seu diário. Mostra a grandeza do homem — temos de continuar a nossa vida e preparar-nos para a guerra — ou mostra que o grande homem não queria saber da realidade e da guerra?

A forma como os artistas organizam o tempo tem sido uma das maiores tarefas dos seus biógrafos. Leonardo da Vinci não deve ser dado como exemplo. Ele ultrapassa todos, desde que o primeiro hominídeo se ergueu nas patas traseiras até hoje de manhã. Mas onde arranjou tempo para fazer o que fez? Pintor insuperável, escultor, cientista, matemático, anatomista, dissecador de cadáveres furtados no cemitério, desenhador de entranhas, inventor muito à frente do seu tempo e, dizem até, ginasta na juventude. Dentro de todas estas funções, e quando se dedicou à arte da guerra, teve tempo para desenhar artefactos que não fazem sentido: uma carroça de combate apetrechada de lâminas em rotação que, se fosse construída, tanto cortava as pernas dos cavalos do inimigo como as pernas dos nossos cavalos. Leonardo sabia o que estava a fazer, claro, mas divertiu-se com a ideia.

Kafka passou a maior parte da curta vida [morreu aos 41 anos, de tuberculose] a escrever, várias horas por

dia, longas cartas às noivas, esposas sempre adiadas, queixando-se de que não tinha tempo para escrever as suas obras. No entanto, segundo aprendi com a sua biografia [a de Nicholas Murray], o escritor de Praga, ao contrário do que estava sempre a lamentar, foi um alto funcionário consciencioso e bem cotado na firma de seguros que o contratou. Só começou a faltar aos deveres quando ficou muito doente. Gostava de se divertir. Quando leu aos amigos A Metamorfose, a história de um pobre homem transformado em barata, riu às gargalhadas. Outra pista: na sua viagem a Milão, o Dr. Kafka despachou a catedral como «um pouco cansativa», comparada com as atracções do bordel Al Vero Eden. Estava habituado, de resto, a estes estabelecimentos, e escreveu: «Em casa, era com as raparigas de bordel alemãs que perdia o sentido da sua própria nacionalidade por uns momentos, aqui era com as raparigas francesas». O sentido da nacionalidade é uma boa expressão para a coisa, mas como se pode menosprezar a catedral de Milão? Diante do Duomo, fechei os olhos e senti o peso magnético da catedral. Um amigo meu veio de Itália há dias; veio intrigado com as excursões de cegos japoneses que vão ver — é a palavra certa entre os cegos — os palácios de Roma, em visitas guiadas que duram horas.

Num conto de Raymond Carver, alguém pergunta como é que se descreve uma catedral a um cego. Se bem me

recordo da história, como fica o cego a saber o que é exactamente uma catedral, não apenas a sua ideia. Há uma maneira, imagino eu: é o cego ir lá. Mas, como isso não chega, é preciso, antes da viagem, ler tudo sobre ela, metro a metro, canto a canto, e saber quantos séculos demorou a fazer, e quando e porque a começaram, e a quantos quilómetros foram buscar a pedra, e com quantos homens e carroças e gerações de animais só para isso, e que discussões teológicas houve sobre a sua geometria sagrada, se, no desenho final, ganhou a figura do quadrado ou a do triângulo da Santíssima Trindade, quantas guerras e fomes se deram por sua culpa, quantos operários caíram dos seus andaimes e morreram ou ficaram paráliticos, quantas famílias de escultores, avô, pai, neto, não esculpiram mais nada na vida.

Depois, é preciso viajar até à catedral e lá, na penumbra branca da pedra, agarrar as colunas e seguir o calor das velas acesas e do gelo do mármore, da folha de ouro das molduras e das pilastras, se possível, ainda, com um organista tocando Bach em tubos metálicos cem vezes maiores do que flautas, e tocar na catedral como imagem celeste na Terra, que tenta aproximar-nos da glória de Deus...

Se calhar imaginei tudo mal.

Como dizia Kafka, «eu sou um fim ou um princípio». Isto teve um princípio e agora tem um fim.

# F.P.JOURNE

## Invenit et Fecit

**Invenit et Fecit = Inventado e feito : O cunho de um relojoeiro contemporâneo que constrói a sua própria história.**

www.fpjournes.com

"Prémio do relógio do ano 2004" no Japão

### Tourbillon Souverain

**com sistemas inovadores de “corda de igualdade” e de segundos “mortos”**

Calibre exclusivo FPJ 1403-2 em ouro rosa 18k - Caixa em platina - Mostrador em ouro branco e em prata

**Representante:** Torres Distribuição S.A. +351 21 811 08 96 [www.torresdistrib.com](http://www.torresdistrib.com)

**Lisboa, Manuel dos Santos Jóias**

Galerias Saldanha Residence

T +351 213 520 557

**Porto, Machado Joalheiro**

Avenida da Boavista, 3511

T +351 226 101 283